

CAPITAL E MORTE: MARX E SARAMAGO

*Javier Blank*¹

RESUMO: Em 1867 Karl Marx publicou o Livro I do *Das Kapital* (O Capital). Em 2005, José Saramago publicou *As intermitências da morte*. Um século e meio e dois pensadores que escolhem diferentes objetos como centro de sua reflexão: em Marx, o capital; em Saramago, a morte. Apesar das diferenças formais e substantivas entre uma teoria social e um romance, a construção de cada uma dessas estruturas, o capital e a morte, ilumina, pela sua semelhança, a compreensão da outra. Isso revela-se ainda ao atentar para a maneira como se processa socialmente a autonomização e crise dessas estruturas. É extremamente instigante trazer para a imaginação teórica, no atual momento de crise estrutural do capital, a imaginação romanesca de Saramago que começa assim: “No dia seguinte ninguém morreu”.

PALAVRAS-CHAVE: Saramago. Morte. Capital.

ABSTRACT: In 1867 Karl Marx published volume I of *Das Kapital* (Capital). In 2005 José Saramago published *As intermitências da morte* (translated in English as “Death with interruptions”). One century and a half and two thinkers who choose different objects as the center of their reflections: in Marx, capital; in Saramago, death. Despite the formal and substantive differences between a social theory and a novel, the construction of each of these structures, capital and death, illuminates the understanding of the other one. This is also clear while paying attention to the

¹ Comunicador Social pela Escuela de Ciencias de la Información da Universidad Nacional de Córdoba, Argentina e Doutor em Serviço Social pela Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

way the autonomization and crisis of these structures is socially processed. It is extremely stimulating to bring to the theoretical imagination the novelistic imagination of Saramago, that begins: "The next day, no one died".

KEYWORDS: Saramago. Death. Capital.

A morte segundo Saramago

No romance *As intermitências da morte* um dia a morte deixa de funcionar. Não é que a morte não exista mais. Simplesmente, ninguém morre. A morte não acontece, mas a existência da morte continua. A morte tem um caráter dual no romance: é, por um lado, o **ato** de morrer; por outro, uma personagem que produz esse ato, um **sujeito**. Uma analogia percorre de maneira silenciosa o nosso texto: à dualidade da morte-sujeito e morte-ato corresponde à dualidade do capital enquanto sujeito e enquanto ato, isto é, enquanto imposição da lei do valor.

A morte é um sujeito que se expande, ocupa todos os lugares, *espalha-se em todos os sentidos*. De fato, é tremendo o *esforço que tem de fazer sobre si mesma quando não quer ver tudo*, quando precisa *reprimir a **tendência expansiva que é inerente à sua natureza***. E às vezes tem que reprimi-la porque faz parte de sua *ilimitada virtude expansiva* uma **precária e instável unidade** que é a sua, com tanto custo agregada. Assim, corre o *risco de se relaxar e dispersa*.² Como o capital, a morte é uma unidade expansiva **carente de medida** fora dela mesma.³

² SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 147-9 e 166.

³ "A circulação do dinheiro enquanto capital é, ao contrário, um fim em si, pois a valorização do valor existe unicamente nesse movimento renovado sem cessar. O movimento do capital, portanto, carece de medida" (MARX, Karl. *El Capital: el proceso de producción del capital*. 1a ed. Tomo I. v. 1. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2002. p.186; tradução nossa).

Talvez seja por isso que o trabalho da morte seja o mais monótono, uma atividade *repetitiva, sem pausa, sem interrupções, sem soluções de continuidade, no fundo sempre igual a si mesma*. A morte não dorme, só descansa.⁴ E leva adiante esse trabalho de maneira **irreflexiva**.

É fácil, do ponto de vista dos homens, avaliar a atividade da morte como sendo **cruel**. É por isso que *os jornais têm-se excedido em furiosos ataques contra ela, acusando-a de impiedosa, cruel, tirana, malvada, sanguinária, vampira, imperatriz do mal, drácula de saias, inimiga do gênero humano, desleal, assassina, traidora, serial killer*.⁵ A morte parece cruel, é verdade, mas não o é. Aqueles que fazem essa denúncia estão *mal informados sobre a natureza profunda da morte, cujo outro nome é fatalidade*. Não compreendem que *a morte não tem qualquer necessidade de ser cruel, é o que é*. Por isso, não adianta reclamar diante dela, nem pedir, nem chorar: *a morte nunca responde. E não é porque não queira, é só porque não sabe o que há-de dizer diante da maior dor humana*.⁶ É, portanto, o da morte, um trabalho de uma **impessoalidade** asséptica. Aliás, ela faz abstração de diferenças por demais evidentes para os seres humanos. *Aos olhos da morte todos somos da mesma maneira feios*.⁷

Expansiva, ilimitada, ininterrupta, repetitiva, impessoal, abstrata. A morte é um verdadeiro **sujeito automático**. Essa caracterização da morte, que construímos em base ao próprio texto de Saramago, é idêntica à construção que Marx faz do capital. Unidade instável, expansiva, ilimitada.⁸ O movimento

⁴ SARAMAGO, José, op.cit., p. 138-139.

⁵ Ibidem, p. 114.

⁶ Ibidem, p. 126. Pergunta-se da mesma maneira ao capital sobre a dor humana... infrutuosamente: o capital não sabe o que dizer.

⁷ Ibidem, p. 169.

⁸ Só podemos apontar aqui que esses mesmos atributos determinam a técnica na análise de Jacques Ellul (Cfr. ELLUL, Jacques. *A técnica e o desafio do século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968). Capital, técnica e morte são

incessante de valorização do valor também faz do capital um sujeito automático.⁹

Suponhamos que não aceitamos essa desculpa de impessoalidade, de irreflexividade desse sujeito. É com a morte mesmo. Com ela queremos falar. Para ela vamos a exigir. Ou pelo menos negociar. Mas, onde a encontraríamos? Ela permanece invisível. *Era preciso começar por encontrá-la e ninguém sabia como nem onde. A morte, em privado é um esqueleto embrulhado num lençol. Mas é discreta: em público torna-se invisível.*¹⁰

Existem certas coisas que têm a peculiar característica de ser menos percebidas, de chamar menos a atenção, de ser **mais invisíveis, quando elas melhor funcionam**. Assim é por exemplo com o juiz de futebol. Assim é com a engrenagem interna de um motor. E assim acontece com a morte. É claro que quem num dia qualquer tivesse perto algum familiar, amigo ou conhecido que por fatalidade fosse morrer, se depararia com o ato da morte. Mas eis que a morte decide um dia, num determinado país, deixar de matar. A morte faz com que o ato da morte não aconteça. O romance de Saramago descreve o **processo social desencadeado diante da ausência da morte**. Podemos extrair daqui lições sobre a maneira como se processam socialmente as crises de diferentes estruturas. Especificamente, esse desenvolvimento se revela muito fecundo para pensar a crise do capital.

Em primeiro lugar, o fato de, de repente, ninguém morrer, *por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme.*¹¹ Esse choque inicial acontece muito antes de serem considerados os desdobramentos possíveis dos acontecimentos; deve-se tão-somente ao caráter de excepcionalidade do fenômeno. A morte se torna mais visível na sua falha. Nesse momento, não há quem não perguntasse,

estruturas análogas na construção desses autores.

⁹ MARX, Karl, op.cit., p. 188.

¹⁰ SARAMAGO, José, op.cit., p. 145.

¹¹ Ibidem, p. 11.

“Que diabos acontece com a morte?”. E aqueles que tivessem por qualquer motivo a **intuição ou percepção ou compreensão da morte enquanto sujeito**, poderiam perguntar então com mais rigor, “Que é que faz a morte não matar?”.

Além da perturbação, começa a se desenvolver uma primeira polêmica em relação à **permanência no tempo desse fenômeno excepcional**. Alguns advertem que *não deveria excluir-se a hipótese de se tratar de uma casualidade fortuita*. Apela-se também a *vaguidades pseudocientíficas, destinadas a tranquilizar, pelo incompreensível, o alvoroço que reinava no país*; outros já se declaram preparados para enfrentar *os complexos problemas sociais, econômicos, políticos e morais que a extinção definitiva da morte inevitavelmente suscitaria*. Faz-se alusão à situação em outros lugares como *demonstração de que o normal ainda não se retirou de todo do mundo*. Procuram-se formular teses otimistas que tentam tranquilizar a população, prometendo a volta à normalidade, para daqui a pouco. No caso, planeja-se pôr em *circulação uma nova tese, a da morte adiada, Sem mais explicações*¹².

Podemos supor que vaguidades pseudocientíficas ou teses sem fundamento não seriam levadas em consideração pela população em um momento crítico em que a normalidade é posta em questão e em que se precisa de respostas radicais e consistentes para compreender a situação e agir nela. No entanto, *algumas pessoas que, por temperamento natural ou educação adquirida, preferiam acima de tudo a firmeza de um otimismo mais ou menos pragmático, mesmo se tivessem motivos para suspeitar de que se trataria de uma mera e talvez fugaz aparência* uniram-se à *maré alta de alegria colectiva*. Percebe-se que elas não precisam ser convencidas com esses argumentos. Simplesmente essas teses ou formulações vagas e pouco convincentes vão ao encontro de uma disposição para o otimismo, de uma necessidade de acreditar, mesmo contra toda evidência. Por outro lado, *eram pouquíssimas as*

¹² Ibidem, p. 17, 20, 74

*peessoas que tinham a coragem de pôr assim, publicamente, o dedo na ferida.*¹³

Faz parte daquele otimismo a ideia segundo a qual, de repente, **depende da vontade de cada um** se deixar levar pela morte ou continuar vivendo. Essa é uma ilusão generalizada mesmo diante do fato incontornável de que ninguém morria, nem mesmo aqueles que desejavam a morte. É o próprio narrador quem desestima essa **ingênua ilusão**, quem bota o dedo na ferida, advertindo que *as palavras que o feliz neto havia efetivamente pronunciado, como se se tivesse arrependido de morrer, eram radicalmente diferentes de um peremptório Arrependeu-se*. Portanto, *umas quantas luzes de sintaxe elementar e uma maior familiaridade com as elásticas subtilezas dos tempos verbais teriam evitado o quiproquó*. Esse equívoco, que parece ser meramente gramatical, pode ter desdobramentos inusitados, como por exemplo a *criação de um movimento de cidadãos firmemente convencidos de que pela simples ação da vontade será possível vencer a morte*.¹⁴

Assim, ao debate sobre a permanência do fenômeno no tempo, acrescenta-se a polêmica sobre a **sua natureza**. Estamos na porta do inferno, ou do paraíso? Não se sabe. *Fora das fronteiras do nosso país se continua a morrer com toda a normalidade, e isso é um bom sinal*, aponta um dos personagens. *Questão de ponto de vista, eminência*, polemiza o interlocutor, *talvez lá de fora nos estejam a olhar como um oásis, um jardim, um novo paraíso, Ou um inferno, se forem inteligentes*.¹⁵ Isso leva o narrador a problematizar a própria ideia de crise, pois talvez *a palavra crise não seja certamente a mais apropriada para caracterizar os*

¹³ Ibidem, p. 23-5. Como tese do “capital adiado” pode ser lida a ambiguidade de parte da intelectualidade de esquerda, no Brasil e no mundo, até finais de 2008 para falar da crise do capital. Era preciso uma mistura de lucidez e coragem para tocar no assunto. Era difícil botar o dedo na ferida, ir contra a maré do otimismo. Até que explodiu a crise e não foi mais possível continuar olhando para outro lugar. Mas, depois de um breve período de pânico, voltamos a ouvir, “fiquem tranquilos, que ali vem uma nova fase expansiva”.

¹⁴ Ibidem, p. 15.

¹⁵ Ibidem, p. 20.

*singularíssimos sucessos que temos vindo a narrar, porquanto seria absurdo, incongruente e atentatório da lógica mais ordinária falar-se de crise numa situação existencial justamente privilegiada pela ausência da morte.*¹⁶ Há uma indefinição. Trata-se de uma crise por trás de uma aparente situação privilegiada ou de uma situação privilegiada por trás de uma aparente **crise**? Ou é uma situação privilegiada pelo próprio fato de acontecer uma crise?

Essa dificuldade na caracterização da situação provoca uma indecisão entre uma **atitude de alarme ou de esperança**. No caso que estamos tratando, uma *segunda natureza, para não dizer automatismo*,¹⁷ *movimento mecânico*, levou o responsável pela pasta de saúde a rematar a conversa dizendo que *não existe qualquer motivo para alarme*. Foi questionado: *agora que não se encontra quem esteja disposto a morrer, é quando o senhor ministro nos vem pedir que não nos alarmemos, convirá comigo que, pelo menos, é bastante paradoxal*. E ele responde: *Foi a força do hábito, reconheço que o termo alarme não deveria ter*

¹⁶ Ibidem, p. 15. Lenin destacava como um dos três pressupostos principais de uma situação revolucionária a impossibilidade das classes dominantes manterem seu domínio sob forma imutável (LENIN, *A falência da II Internacional*. São Paulo: Kairós, 1979, p. 29). Do ponto de vista da necessidade da revolução, então, podemos pensar numa situação “privilegiada pela crise do capital”, ou pela perda da aparência de equilíbrio dessa ordem social; situação diante da qual, de novo desde um ponto de vista revolucionário, “seria atentatório da lógica mais ordinária falar-se de crise”. É crise da morte. É crise do capital. Mas não é crise para-nós.

¹⁷ A presença no texto de Saramago de expressões como *segunda natureza* e *automatismo*, muito importantes na elaboração teórica de Marx e nos desdobramentos em algumas vertentes da tradição marxista, nos reafirma a pertinência da comparação que aqui estamos propondo. É sabido que Saramago foi filiado ao Partido Comunista Português, e poderia ser por isso considerada como óbvia uma referência indireta na sua obra de ficção à obra marxiana. No entanto, é uma específica leitura da natureza do capital e sua crise, não consensual no campo dos diversos marxismos, que estamos extraindo, por analogia, no romance de Saramago. Em outros termos, o escritor demonstra ter se apropriado, melhor que alguns no próprio campo teórico, da fecundidade das elaborações marxianas na compreensão dos impasses atuais.

*sido chamado a este caso; se corrigindo, finaliza pedindo que não alimentemos falsas esperanças.*¹⁸

No caso da ausência do ato da morte, o paradoxo da atitude de alarme em face de uma situação aparentemente promissora, se dá pelo simples fato de sair da normalidade. Não interessa se boa ou ruim, é ao que estamos acostumados.¹⁹ No caso do capital, ao medo de sair da normalidade se acrescenta uma base objetiva que leva ao mesmo alarme paradoxal. O fato de assumirmos a crise do capital como uma situação de crise para-nós, que se exprime em amplos setores numa atitude de alarme desesperada e conservadora, deve-se, em grande parte, à ausência de um impulso que leve a superar essa forma social; a crise do capital torna-se, por conta da não atualidade de um impulso revolucionário, uma crise social gravíssima.

Contudo, e a despeito das diferentes percepções sobre o fenômeno em curso, há uma atitude comum: as intermitências da morte aparecem como *um autêntico **mistério***; isso explica o *debate entre três especialistas em fenômenos paranormais, a saber, dois bruxos conceituados e uma famosa vidente, convocados a toda a pressa para analisarem e darem sua opinião sobre o que já começava a ser chamado por alguns graciosos, desses que nada respeitam, a greve da morte*. E além dessa aura misteriosa, o fenômeno como absolutamente **natural**, no sentido de nossa **incapacidade de intervenção**. Temos tanto a fazer em face dele quanto em face das tormentas, das secas. Planejam-se *procissões a pedir a morte, da mesma maneira que já as fazíamos ad petendem pluviam, para pedir chuva*. As leis que regem esses acontecimentos tão diversos parecem da mesma ordem. *Se não voltarmos a morrer não temos futuro. É preciso que alguma coisa aconteça.*²⁰ Estamos

¹⁸ *Ibidem*, p. 16-7.

¹⁹ Em espanhol existe um ditado popular que expressa exatamente essa atitude conservadora: "mejor malo conocido que bueno por conocer"; não conheço um ditado com sentido idêntico em português.

²⁰ *Ibidem*, p. 13-14, 38, 86. É impressionante perceber como se fala da crise do

entregues à graça de deus ou ao acaso. Seja como for, não controlamos a situação.

Até agora só falamos das reações intelectuais. Mas a vida, ainda mais com a morte em greve, continua seu passo. Ela não espera por conceitos e pede **resoluções práticas**. É uma necessidade se desfazer dos moribundos. Levá-los para a morte, mesmo que esta não queira. E, *nova manifestação da inesgotável capacidade inventiva da espécie humana, mesmo não sendo filósofos, ao menos no sentido mais comum do termo, alguns conseguiram enganar a morte de outros, ajudando-a*. E o fizeram por meio do *expediente de ir despejar o pai ou o avô em território estrangeiro, onde a morte ainda estava em vigor; isso resultou uma maneira limpa e eficaz, radical seria um termo mais exato, de se verem livres dos autênticos pesos mortos que os seus moribundos eram lá em casa.*²¹

Procura-se uma **solução técnica**: aproveitar **os nichos de normalidade** ainda existentes.

capital da mesma maneira que se fala do clima: veio frente fria, até quando vai chover... a crise chegou, ninguém sabe até quando vai ficar, nem quão fundo ela vai. "O ministro da Fazenda, Guido Mantega, admitiu nesta quinta, pela primeira vez, que a economia brasileira pode ter crescimento zero em 2009. O governo vinha mantendo o discurso de progresso mesmo com os efeitos da crise internacional. Depois de ponderar que 'já saímos do fundo do poço', Mantega afirmou que o primeiro trimestre foi péssimo e o segundo será de retomada, com o Produto Interno Bruto acelerando" (Disponível em: <<http://www.mpbfm.com.br/noticias.asp?s=30948>>. Acesso em: 15 abr. 2009). No mesmo dia, a previsão do tempo para o Rio de Janeiro era de "sol com muitas nuvens a nublado com chuva no fim da manhã. Tarde e noite chuvosas" (Disponível em: <<http://www.climatempo.com.br>>. Acesso em: 15 maio 2009).

Marx já tinha analisado a naturalização das relações sociais que fogem do controle dos homens: "Por um lado, adverte-se aqui como a troca de mercadorias arrasa as barreiras individuais e locais da troca direta de produtos e faz desenvolver o metabolismo do trabalho humano. Por outro lado, desenvolve-se toda uma série de vínculos sociais de índole natural, não sujeitas ao controle das pessoas atuantes" (MARX, Karl, *op.cit.*, p. 137; tradução nossa).

²¹ SARAMAGO, José, *op.cit.*, p. 38, 48.

De qualquer maneira, isso não acontece sem tensões nem contradições. É que com a visibilidade que a morte ganha com a sua ausência, também faz-se evidente a **funcionalidade** que tinha, para muitos setores, instituições, grupos, a **situação de normalidade perdida**. É um encadeamento lógico: *sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há igreja*. Assim, se por um lado estavam os *filósofos, divididos, como sempre, em pessimistas e otimistas*, por outro lado, os *delegados das religiões apresentaram-se formando uma frente unida comum com a qual aspiravam a estabelecer o debate no único terreno dialéctico que lhes interessava, isto é, a aceitação explícita de que a morte era absolutamente fundamental para a realização do reino de deus*.²²

O normal estado de coisas beneficia a alguns que, no momento de explosão da crise, têm que se expor, mais ou menos sutilmente, mais ou menos abertamente. Foi também o caso de *importantes sectores profissionais, seriamente preocupados com a situação*, notadamente as *empresas do negócio funerário*, que ficaram, de repente, *brutalmente desprovidos da sua matéria-prima*. **Reclama-se ao Estado a resolução dos problemas econômicos** que a crise traz para esses setores. Entre outras boas ideias, e para evitar *na medida do possível, o despedimento de centenas senão milhares de abnegados e valorosos trabalhadores* os empresários propõem a *concessão de empréstimos a fundo perdido que ajudem a viabilizar a rápida revitalização de um sector cuja sobrevivência se encontra ameaçada*.²³

Mas alguns percebem que a maneira de administrar a crise social não é só financeira. Os responsáveis hospitalares dão-se conta que *a decisão, no caso de vir a ser tomada, não poderá ser nem médica nem administrativa, mas política*. Essa administração política é exatamente a difícil decisão de **o que fazer com os que sobram**. *Que virá a ser um futuro sem morte*. Como atuar diante dessa *imparável sobreocupação de internados*. Que acontecerá

²² Ibidem, p. 18, 35.

²³ Ibidem, p. 25, 7.

com os lares da terceira e quarta idades. No processo, torna-se difícil acreditar que os que sofrem diretamente essa ausência do ato da morte, esse não funcionamento, essa crise, continuem vivos; aqueles que *de acordo com a lógica matemática das colisões, deveriam estar mortos e bem mortos*; aquela que *nem melhorou nem piorou, ficou ali como suspensa, baloiçando o frágil corpo à borda da vida, ameaçando a cada instante cair para o outro lado, mas atada a este por um ténue fio que a morte, só podia ser ela, não se sabe por que estranho capricho, continuava a segurar*. E, ao mesmo tempo, *nem valia a pena perder tempo a operá-lo*. Ficam ali, mortos-vivos, ocasionando um problema para a sociedade que não sabe o que fazer com eles.²⁴

Claro que essa administração política também inclui uma **fundamental dimensão econômica** que mostra a falta de autonomia da política para resolver os problemas sociais. Por isso, *o problema bicudo, e para ele nos sentimos no dever de chamar a atenção de quem de direito, é que, com o passar do tempo, não só haverá cada vez mais idosos internados nos lares do feliz ocaso, como também será necessária cada vez mais gente para tomar conta deles, dando em resultado que o rombóide das idades virará rapidamente os pés pela cabeça*. Então, *o estado pode vir a derrubar-se, simplesmente, como um castelo de cartas. Tentará sobreviver, ainda que eu muito duvide de que venha a conseguir*, pois a tendência é a própria **bancarrota** do estado, *o salve-se quem puder, e ninguém se salvará*. Impõe-se essa demonstração por cima das polêmicas acirradas, e *perante este quadro aterrador não tiveram outro remédio os metafísicos que meter a viola no saco*. O que se espera é *o pior dos pesadelos que alguma vez um ser humano pôde haver sonhado, nem mesmo nas escuras cavernas, quando tudo era terror e tremor, se terá visto semelhante coisa [...] para alguma coisa a imaginação nos haveria de servir*,

²⁴ Ibidem, p. 11-12, 28-30. Vejam os que sobram na ordem do capital. Quando não são empurrados para o último passo, ficam na beira da morte. Não podemos acreditar que nessas circunstâncias continuem vivos. Nós ficaríamos? O que poderíamos fazer por eles? Estão mais mortos que vivos.

*[...] antes a morte, senhor primeiro-ministro, antes a morte que tal sorte. Não adianta ficar esperando, achando que são tendências de longo prazo, pois o futuro é já hoje!*²⁵

Infelizmente, a partir da percepção da gravidade da situação, *a atitude da população saudável para com os padecentes terminais começou a modificar-se para pior. Acontece que quando se avança às cegas pelos pantanosos terrenos da realpolitik, quando o **pragmatismo** toma conta da batuta e dirige o concerto sem atender ao que está escrito na pauta, o mais certo é que a lógica imperativa do aviltamento venha a demonstrar, afinal, que ainda havia uns quantos degraus para descer.*²⁶

Mas mesmo com essa *quádrupla crise, demográfica, social, política e econômica*,²⁷ impressiona a maneira como a sociedade continua tentando funcionar como se nada acontecesse. Há uma inércia, **um automatismo que faz impor ao novo conteúdo a mesma forma social** em crise. As companhias de seguros, por exemplo, em face da alarmante situação da ausência da morte, resolveram de maneira brilhante fixar *a idade de oitenta anos para morte obrigatória, obviamente em sentido figurado*. Desta maneira, chegado o momento, cada um, *convertido em alguém virtualmente morto, mandaria proceder à cobrança do montante integral do seguro, o qual lhe seria pontualmente satisfeito. Resultado: ninguém perdia e todos ganhavam. Em especial as companhias de seguros, salvas da catástrofe por um cabelo.*²⁸

A expressão *morte obrigatória em sentido figurado*, que devemos aos especializadíssimos assessores jurídicos das companhias, e à pluma de Saramago que soube dar-lhes o

²⁵ Ibidem, p. 31-2, 37, 78, 85. O narrador mostra a insustentabilidade da tendência do processo em curso. O estado já não da conta (civilizadamente) da sobreprodução de massas sobrantes quando o capital entra em crise.

²⁶ Ibidem, p. 59, 78. Para os que sobram... pena de morte, em lugar dos anteriores bons desejos de emprego, integração, educação.

²⁷ Ibidem, p. 63.

²⁸ Ibidem, p. 33-4.

destaque que mereciam, condensa exatamente essa im-posição de uma forma, uma abstração, que já não responde à realidade posto que a morte está ausente, mas que se reproduz com inúmeros desdobramentos, tornando-se real, no processo de crise.²⁹

Mas, ao lado da re-produção inovadora das antigas **instituições**, surgem outras novas, **típicas dos momentos de crise**. No processo, antigas e novas entram em contato e fazem acordos, com ganhos para ambas as partes. *Essa tal organização os leva lá, Exactamente, Trata-se de uma organização benemérita, Ajuda-nos a retardar um pouco a acumulação de padecentes terminais, mas, como eu disse antes, é uma gota de água no oceano, E que organização é essa. O primeiro-ministro respirou fundo e disse, A máphia, senhor.* Faz parte da procura dos nichos de normalidade, quando se dá num nível mais sofisticado, a busca das brechas do sistema jurídico. A máphia se aproveita de que *a justiça do país em que não se morre se encontra desprovida de fundamentos para atuar judicialmente contra os enterradores. Não os pode acusar de homicídio porque, tecnicamente falando, homicídio não há em realidade, e porque o censurável ato, classifique-o melhor quem disso for capaz, se comete em países estrangeiros.*³⁰

Contudo, apesar desses rearranjos todos, a **experiência da crise** não deixa de ser **incômoda, lamentável, até catastrófica**, dependendo de para quem dirigirmos o nosso olhar. Por isso, a

²⁹ É isso mesmo, a abstração torna-se real. O filme "À Vida, à Morte!" (1995) do francês Robert Guédiguian, desenvolve sua trama em cenas de desemprego; uma família sem perspectiva nenhuma e com a impossibilidade de construir um futuro. A mulher fica grávida e o marido se mata. Com o montante que receberão do seguro de vida, pensa ele, a sua família poderá sobreviver uns anos e fazer o filho crescer. É a técnica da morte, o seguro de vida, uma forma abstrata, que faz com que o marido se mate para garantir à família um pouco de dinheiro.

³⁰ Ibidem, p. 85, 68. Os capitais vão e vêm, driblando as justiças locais e comendo atos censuráveis em países estrangeiros, aparentemente conseguindo o impossível: esconder o fato de que todo país estrangeiro é também um país local.

volta à normalidade, anunciada pela própria morte, é festejada pelo primeiro-ministro, devido à quantidade de problemas que isso vem a resolver. A morte só tinha dado um respiro para, segundo a sua própria justificativa pública, oferecer aos seres humanos *uma pequena amostra do que para eles seria viver sempre*. A vivência do caráter problemático da ausência da morte, faz não só comemorar a sua volta, mas **naturalizar a normalidade e a bondade da sua presença**. Isso é acompanhado de uma sensação de *alívio*, de *legítimo desafogo*.³¹

Na verdade, a aparente volta à normalidade não é senão a continuidade de um processo de dissolução que tenta se disfarçar de estabilidade. Nele, confundem-se as instituições e mecanismos do período de calma com os de crise. A máfia, por exemplo, adquirindo funções novas, visa o monopólio absoluto das mortes e dos enterramentos dos seres humanos, assumindo no mesmo passo a responsabilidade de manter a demografia nos níveis em cada momento mais convenientes para o país. É um processo **fora do controle** total dos antigos detentores do poder. Tanto é assim que a morte volta matando também a quem se beneficia dela, e o presidente da associação das funerárias é o primeiro a morrer, *com a última badalada da meia-noite*.³² Veremos depois como foge do controle não só dos homens, mas da própria morte.

A morte-sujeito faz a morte-ato voltar, mas agora por outros métodos. Já dissemos que não há crueldade nesse trabalho impessoal que ela leva adiante. No entanto, mesmo na sua

³¹ Ibidem, p. 97, 100, 115. A crise do capital oferece uma amostra aos seres humanos que o detestam do que significa viver sem ele. A experiência de sua ausência é lamentável. Quando não pode ser superada nesse momento por outra forma, a crise do capital gera, paradoxalmente, uma adesão mais forte a essa ordem social.

³² Ibidem, p. 117, 105. A acumulação do capital também mata os próprios capitalistas, pelo menos enquanto *capital personificado* (MARX, Karl, *op.cit.*, p. 187); o bem do capital geral, às vezes, é o mau para um capital em particular. A crise é um momento de falência para muitos capitais particulares, é um momento fundamental de concentração de capital.

impessoalidade e automaticidade irreflexiva, a morte parece ter uma **memória nostálgica** de um tempo em que ela mesma, a morte, era vida. *A morte conhece tudo a nosso respeito, e talvez por isso seja triste. O que ela traz à vista é um esgar de sofrimento, porque a recordação do tempo em que tinha boca, e a boca língua, e a língua saliva, a persegue continuamente.*³³ Talvez seja por isso que ela decide renovar seus **métodos**, torná-los **mais humanizados**. Ela reconhece que o *injusto e cruel procedimento que vinha seguindo, que era tirar a vida às pessoas à falsa-fé, sem aviso prévio, sem dizer água-vai, se tratava de uma indecente brutalidade*. Avisa, então, que *a partir de agora toda a gente passará a ser prevenida por igual e terá um prazo de uma semana.*³⁴

Ao lado da nostalgia, podemos encontrar outras razões, até mais importantes, dessa mudança de métodos. A morte explica para a gadanha, sua eterna companheira: *com esse teu gosto pelos métodos expeditivos, a questão já estaria resolvida, mas os tempos mudaram muito ultimamente, há que actualizar os meios e os sistemas, pôr-se a par das novas tecnologias, por exemplo, utilizar o correio electrónico, tenho ouvido dizer que é o que há de mais higiénico.*³⁵ É a busca de uma certa eficiência

³³ SARAMAGO, José, *op.cit.*, p. 139. O dinheiro já fez parte, enquanto meio de circulação, da circulação mercantil simples; esta tinha como objetivo a *satisfação de determinadas necessidades* (MARX, Karl, *op.cit.*, p. 185). A técnica já esteve *ao nível do homem*; assim sendo, seu *peso material não era sobre-humano* (ELLUL, Jacques, *op.cit.*, p. 80). Só destacamos aqui a analogia do que chamamos metaforicamente de nostalgia de um momento dessas estruturas. É mais complexa a determinação se esse momento existiu historicamente no caso do dinheiro. E também se seria possível manter a função do dinheiro enquanto meio de circulação. De fato, Marx encarrega-se de demonstrar a metamorfose necessária do dinheiro em capital (Cfr. MARX, Karl, *op.cit.*, capítulo 4).

³⁴ SARAMAGO, José, *op.cit.*, p. 100.

³⁵ *Ibidem*, p. 137. O capital apaga a memória da violência extra-econômica que implicou a imposição inicial dessa forma social. No processo de sua consolidação foi tentando higienizar seus métodos, ainda que sempre recorra à violência direta como recurso sempre disponível. No momento de crise, os

técnica que está por trás disso. É que, pensando bem, matar de maneira mais higiênica não deixa de ser matar. Essa atualização só poderia trazer benefícios reais para a reputação da própria morte entre os homens. Pelo menos entre aqueles que se deixassem levar por essa propaganda enganosa.

A morte se decide pelo envio de cartas personalizadas. Não o correio eletrônico, mas as cartas tradicionais. Na verdade, não exatamente tradicionais, posto que de cor violeta e que levam como texto: *Caro senhor, lamento comunicar-lhe que a sua vida terminará no prazo irrevogável e improrrogável de uma semana, aproveite o melhor que puder o tempo que lhe resta, sua atenta servidora, morte.*³⁶ A morte envia cada uma dessas cartas, incessantemente, sem respiro e sem problemas.

Até que um dia registra-se uma **falha operacional**: alguém que tinha que morrer, não morre.³⁷ Mesmo **contra a vontade do sujeito-morte**, vontade que na verdade não é mais que a execução exitosa de uma fatalidade já predefinida, sem margem de decisão por parte dela,³⁸ **o ato-morte não acontece**. *Na verdade, nunca se viu que não morresse quem tivesse de morrer. E agora, insolitamente, um aviso assinado pela morte, de seu próprio punho e letra, um aviso em que se anunciava o irrevogável e improrrogável fim de uma pessoa, tinha sido devolvido à origem.* Isso põe em questão a *inexpugnabilidade da morte soberana, em que, por simples definição do conceito,*

“métodos expeditivos” voltam a ter centralidade. Também a técnica foi se humanizando. Foi se adaptando ao homem. Mas na civilização técnica o homem nunca passou de objeto para a técnica (Cf. ELLUL, Jacques, op.cit.). Em ambos os casos, é um processo de aparente humanização que, na verdade, acaba integrando mais o homem a um sistema que o submete.

³⁶ SARAMAGO, José, op.cit., p. 125.

³⁷ Ibidem, p. 142.

³⁸ A morte que se especializa nos seres humanos é, junto às mortes dos outros reinos, uma personificação da Morte. “Eu não sou a Morte, sou simplesmente morte [...] um dia virão a saber o que é a Morte com letra grande, nesse momento, se ela, improvavelmente, vos desse tempo para isso, perceberíeis a diferença real que há entre o relativo e o absoluto” (Ibidem, p. 112).

*seria inadmissível que se pudesse apresentar qualquer absurda exceção.*³⁹

O caráter **insólito, absurdo, excepcional** do acontecimento, deixa à morte perplexa e furiosa: *Uma força alheia, misteriosa, incompreensível, parecia opor-se à morte da pessoa, desacreditando assim o destino, a fatalidade; ninguém no mundo ou fora dele teve alguma vez mais poder do que eu, eu sou a morte, o resto é nada.* Mas, fora essa arrogância de onipotência provocada pela reputação manchada, a morte fica **aparentemente enfraquecida**: *a morte parece agora muito mais pequena, como se a ossatura se lhe tivesse encolhido, ou então foi sempre assim e são os nossos olhos, arregalados de medo, que fazem dela uma gigante. Coitada da morte.*⁴⁰

Como é que uma carta enviada pela morte pode voltar dessa maneira? Ora, **as cartas** só podem ir aonde as levam, não têm pernas nem asas, e, tanto quanto se sabe, **não foram dotadas de iniciativa própria**, tivessem-na elas e apostamos que se recusariam a levar as notícias terríveis de que tantas vezes têm de ser portadoras.⁴¹ Então, a morte vai enfrente para resolver a falha. E o faz com *meios absolutamente excepcionais, jamais usados em toda a história.* Para entregar a carta cor violeta nas próprias mãos do homem que tem que morrer, a morte se faz mulher, transforma-se *num exemplar da espécie de quem é inimiga.* Mimetiza-se com o inimigo, com o intuito de combatê-lo. Torna-se corpo humano, com suas características, até com suas fragilidades; *tira da bolsa uns óculos escuros e com eles defende os seus olhos agora humanos dos perigos de uma oftalmia.*⁴²

³⁹ Ibidem, p. 135, 138.

⁴⁰ Ibidem, p. 140-3.

⁴¹ Ibidem, p. 136. Impossível não ouvir aqui ecoando as palavras de Marx: "As mercadorias não podem por si mesmas ir ao mercado e se trocar. Devemos portanto voltar a vista para seus guardiões, os *possuidores de mercadorias*" (MARX, Karl, op.cit., p. 103; tradução nossa).

⁴² SARAMAGO, José, op.cit., p. 165, 181-183.

Mas os acontecimentos não se dão como a morte previu. No processo, que foge do seu controle, a morte acaba se contrapondo à sua natureza assassina, **acaba se humanizando**. Há, no final, um momento de aparente escolha. A morte desiste da tarefa que a tinha levado até a casa daquele homem que se resistia a morrer e se entrega definitivamente ao processo de humanização. Ela pensa que já não é preciso esse **lugar** que ela ocupa, que a partir de agora *haverá de suceder com a vida, que por si mesma vai preparando o seu fim, sem precisar de nós*, dela e das outras mortes, aquelas que não se dedicam aos humanos. E percebe que até ela mesma pode acabar um dia, e pela primeira vez pensar nisso *lhe causou este sentimento de profundo alívio, como alguém que, havendo terminado o seu trabalho, lentamente se recosta para descansar*.⁴³

Mas foi antes disso que sentiu *uma espécie de obscuro temor, como se começasse a ter medo de si mesma*. Foi antes disso que *o cão se levantou do tapete e subiu para o seu regaço que parecia de menina, e então a morte teve um pensamento dos mais bonitos, pensou que não era justo que a outra morte viesse um dia apagar o brasido suave daquele macio calor animal*. Foi antes disso que, sem controlá-lo, deixou cair *uma lágrima*. Antes disso, *mãos felizes faziam murmurar, falar, cantar, rugir o violoncelo, eis o que faltou a rostropovitch, esta sala de música, esta hora, esta mulher*.⁴⁴

A **concretude incomensurável** desses momentos (*esta sala, esta hora, esta mulher*), que numa batalha permanente fogem à abstração da forma opressora, foi o que acabou de transformar a morte em mulher. E, *no seu quarto do hotel, a morte, despida, está parada diante do espelho. Não sabe quem é*. Perplexa, ela percebe pela primeira vez o **automatismo irreflexivo** da sua prática. *Já não consegue recordar-se de quem foi que recebeu as instruções indispensáveis ao regular desempenho da operação de que a incumbiam. Puseram-lhe o regulamento nas mãos,*

⁴³ Ibidem, p. 160, 168.

⁴⁴ Ibidem, p. 188, 156, 192, 207.

*apontaram-lhe a palavra matarás como único farol das suas atividades. Percebe pela primeira vez que estava sendo uma marionete de um poder superior tal vez inexistente, ou pelo menos existente tão-somente no momento em que se acredita nele. São estes, diz o narrador, os perigos do automatismo das práticas, da rotina embaladora, da práxis cansada.*⁴⁵

O romance acaba da mesma maneira que começa: *No dia seguinte ninguém morreu.*⁴⁶ As frases são idênticas, mas o sentido é totalmente diferente. Em ambos os momentos ninguém morre. Mas, no segundo, o **lugar da morte** não existe mais.

A imaginação romanesca e a elaboração teórica

Só restam dizer algumas palavras a respeito do diálogo construído neste trabalho entre a elaboração teórica e a imaginação romanesca. A fecundidade desse entrecruzamento não pode ser justificada *a priori* ou *a posteriori*. Deve ser sustentada no próprio texto, e é isso que tentamos fazer.

No entanto, é interessante trazer para a superfície algumas reflexões sobre a relação da obra de arte com a realidade que se encontram disfarçadas no próprio romance de Saramago. Esse romance é um texto que pensa a si mesmo. Define-se como uma, ***embora certa, inverídica história sobre as intermitências da morte***. Essa conjunção do certo e do inverídico sintetiza toda uma reflexão sobre a natureza do realismo da criação artística, que pelas mediações da ficção busca dizer algo sobre o real.

⁴⁵ Ibidem, p. 200, 160-162. Infelizmente, a esta altura dos acontecimentos, o capital e o sistema técnico são poderes objetivos, existem ainda que não acreditemos neles. O processo pode até fugir do seu controle. Mas não pode acontecer ao capital e à técnica o que aconteceu à personagem da morte no romance de Saramago. Não podem, pela sua própria natureza, se entregar à humanização. São os homens que compreendendo a não-necessidade eterna desses poderes, e sobrepondo-se ao automatismo das práticas, devem acabar com o lugar do capital e do sistema técnico, humanizando assim as relações sociais.

⁴⁶ Ibidem, p. 11, 207.

Ainda mais, se diz que pela **congênita irrealidade da fábula**, *compreendemos sem custo que tais faltas prejudicam seriamente a sua **credibilidade***. O interessante aqui é que o campo em que se combate essa irrealidade é o do próprio romance; alude-se a fatos que estão imersos e que provam sua existência na própria ficção: *Não pode haver melhor **prova** dele que a **imagem da própria morte** que temos diante dos olhos, sentada numa cadeira e embrulhada no seu lençol, e tendo na orografia da sua óssea cara um ar de total desconcerto.*⁴⁷

É a **forma da obra de arte** que faz com que ela fale do real.⁴⁸ E é a forma o que encanta à própria morte quem, no *brevíssimo estudo de chopin, opus vinte e cinco, número nove, em sol bemol maior teve pela primeira vez na sua longuíssima vida a percepção do que poderá chegar a ser uma **perfeita vizinhança entre o que se diz e o modo por que se está dizendo, transposição rítmica e melódica de toda e qualquer vida humana.***⁴⁹

Recebido em março de 2011

Aprovado em abril de 2011

⁴⁷ Ibidem, p. 40, 136.

⁴⁸ “A fidelidade realista [do romance], se é que existe, não é da ordem do documento [...] Prende-se à intuição e figuração de uma dinâmica histórica profunda”. É “formalização estética de um ritmo geral da sociedade”. Trata-se da “imitação de uma estrutura histórica por uma estrutura literária”. “A junção de romance e sociedade se faz através da forma, princípio mediador que organiza em profundidade os dados da ficção e do real, sendo parte dos dois planos” (SCHWARZ, Roberto. “Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da Malandragem” em: *Que horas são?: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 131-135, 141).

⁴⁹ SARAMAGO, José, op.cit., p. 172.